

CULTURA

Rodrigo Gomes vence Prémio Sonae Media Art com escultura audiovisual

Aos 26 anos, o artista recebe o maior prémio artístico português no domínio do multimédia. *Estivador de Imagens* trabalha “o encontro entre imagem, som, movimento e matéria”, com o terror e a guerra ao fundo

Arte contemporânea Isabel Salema

Rodrigo Gomes, com uma escultura audiovisual, é o vencedor do Prémio Sonae Media Art 2017. A obra foi escolhida por “unanimidade” entre cinco finalistas que mostram actualmente os seus trabalhos numa exposição no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), em Lisboa, anunciou Filipa Oliveira, presidente do júri, que além da directora artística do Fórum Eugénio de Almeida, em Évora, inclui ainda Nuno Crespo, professor universitário e crítico do PÚBLICO, e Ramus Vestergaard, director do dinamarquês Digital Interactive Art Space. No valor de 40 mil euros, esta acção de mecenato do grupo Sonae (proprietário do PÚBLICO), em parceria com o MNAC, é o maior prémio artístico português na área do multimédia.

Filipa Oliveira sublinhou ao PÚBLICO que o artista revelou “um bom entendimento” do que é a exibição de uma peça de novos *media* num espaço como o Museu do Chiado, aspecto igualmente destacado pelo júri. *Estivador de Imagens* trabalha “o encontro entre imagem, som, movimento e matéria, numa instalação escultórica que é muito bem conseguida”, explicou a curadora. O júri salientou também o modo como Rodrigo Gomes estabelece uma relação com a história do cinema, nomeadamente com a obra de Harun Farocki, e “temas actuais como a vigilância, o terror e a guerra”.

Nesta segunda edição do prémio (Tatiana Macedo ganhou em 2015), Filipa Oliveira destacou a importância desta iniciativa para os jovens criadores – o prémio é bienal e só podem concorrer artistas até aos 40 anos –, bem como para “o desenvolvimento da *new media art* no contexto português”, ainda sem o reconhecimento e a atenção dados a esta área noutros países.

Num tempo de excesso de produção, quase “uma esquizofrenia”, nas palavras de Rodrigo Gomes, *Estivador de Imagens* reflecte sobre a dificuldade de construção de novas imagens. “Pego numa imagem e ofe-



RICARDO LOPES

Rodrigo Gomes é o segundo vencedor deste prémio instituído em 2015, sucedendo a Tatiana Macedo

O que é a *media art*?

A curadora de fotografia e novos *media* do MNAC explica a designação

Arte e tecnologia têm estado na origem de algumas das mais importantes rupturas nos movimentos artísticos do século XX. As neo-vanguardas utilizaram os modernos mecanismos de comunicação de massas (fotografia, rádio e cinema) para a criação de novas propostas artísticas interdisciplinares, do mesmo modo que as neo-vanguardas, a partir da década de 60, vão debruçar-se sobre o carácter social e político da tecnologia e da sua influência sobre os públicos, instaurando um discurso crítico a partir do interior das práticas tecnológicas, em contexto artístico. A vídeo-arte, as instalações multimédia

(som, performance, imagem), as emissões televisivas foram alguns dos principais meios tecnológicos que as neo-vanguardas exploraram.

Media art é um conceito ainda vago e fluido, congregando ainda algumas das mais recentes práticas tecnológicas do discurso artístico, mas vislumbrando já uma relação mais lata com tecnologias cibernéticas, como a arte digital, a vasta rede de possibilidades da computação em termos de animação, som ou grafismo, as plataformas de rede que possibilitam novos desafios à interactividade entre o artista e o espectador, através da arte virtual ou da Internet e ainda os ramos em desenvolvimento da robótica, da realidade virtual, da

biotecnologia e da inteligência artificial. Os desafios que estes novos domínios tecnológicos colocam ao campo artístico são ainda recentes, mas a sua exploração regista já um largo debate, já que aproximam arte e ciência através de modelos nunca antes experimentados.

O conceito de *media art* enfrenta o confronto entre a subjectividade do campo criativo, sempre em expansão e de difícil definição, e o vasto domínio ainda nebuloso da inteligência artificial, programado e de recursos sobre-humanos, o que decididamente irá colocar novos paradigmas de teorização e reflexão, a arte num mundo cada vez mais interactivo e imersivo. **Emília Tavares**

reço-lhe um corpo físico”, explicou o artista ao PÚBLICO em frente à sua obra, depois do anúncio. “Quase podemos tocar-lhe. Há uma proximidade porque o observador rodeia a imagem física.” Rodrigo Gomes explora a contaminação da obra escultórica pelas imagens digitais: a forma como a projecção de uma imagem bidimensional sobre uma escultura consegue dar-lhe tridimensionalidade.

Numa sala obscurecida do Museu do Chiado, *Estivador de Imagens* constrói-se como uma escultura em acrílico e espelhos sobre a qual são projectadas imagens de um território. Rodrigo Gomes parte dos *drones* para recuar até aos primeiros satélites espões, integrados no *Projecto Corona* da CIA, lançado em plena Guerra Fria, e que realizaram um exaustivo levantamento fotográfico da superfície da Terra. No seu arquivo pessoal de imagens, encontrou uma vista aérea de uma mina abandonada em Casa Grande, no Arizona, que o artista manipula e a que adiciona miras e som, transformando-a num cenário de guerra.

Agindo remotamente, o artista é, assim, capaz de alterar a nossa percepção da escultura. Aos vários planos, à modelação da escultura, “adiciona-se uma pele que o vídeo oferece”, diz aos jornalistas. “Camadas sobre camadas que constroem uma narrativa que permite depois criar metanarrativas.”

Antes do discurso improvisado de Rodrigo Gomes, o co-CEO da Sonae, Ângelo Paupério, recordou Belmiro de Azevedo. “Foi o grande dinamizador da nossa relação com a arte”, “precisamente através das ideias de inovação e criatividade” que o prémio estimula. Lembrou que Belmiro gostava “da destruição criativa”, “dessa capacidade de aprendermos com quem está a pensar de uma maneira diferente”.

Aos jornalistas, Rodrigo Gomes disse que o prémio lhe vai permitir ganhar escala: “Não só física mas também a escala da imaginação. Partimos do princípio de que a imaginação não tem limites mas construir uma obra requer tempo.”

isabel.salema@publico.pt